

"Radicalização prejudica os dois lados", diz Kissinger

por Cecília Costa
do Rio

O ex-secretário de Estado dos Estados Unidos, Henry Kissinger, no que se refere à questão do endividamento externo da América Latina, teme a radicalização, seja por parte dos devedores, seja por parte dos credores. As ameaças de inadimplência por parte dos devedores, segundo ele, só levarão à exclusão do país endividado do sistema internacional de comércio. Quanto ao credor, caso apele para soluções legais, ou seja, recorra à justiça internacional para receber o principal e juros, além de criar um confronto desnecessário, provavelmente sairá perdendo.

"A rota legal, para o credor, só terá sentido se obter garantias internacionais maiores do que os juros que poderia receber. Como são poucos os países devedores sujeitos a confrontos legais, o executivo do banco que tomar essa atitude corre o risco de ficar frustrado, após ter criado um impasse internacional com consequências imprevisíveis", comentou Kissinger, tendo voltado a acentuar que "a melhor saída para a dívida é uma solução global e abrangente", ou seja, a coordenação das políticas econômicas dos países desenvolvidos, aliada a esforços internos dos países subdesenvolvidos, no sentido do reequilíbrio de suas economias.

Henry Kissinger abriu ontem com uma conferência sobre as perspectivas para o "Novo Mundo" o 6º Congresso Mundial de Compras e Administração de Material, promovido pela Federação Internacional de Compras e Administra-

ção de Materiais (IFPMM). Para dar maior consistência à sua tese de que o mundo democrático e ocidental necessita de uma nova ordem econômica, a fim de evitar o aprofundamento da crise, ele citou uma observação feita pelo filósofo alemão Kant: "As soluções virão por meio de uma série de crises, que não nos deixarão outra saída, ou porque o homem usou sua imaginação para prever possíveis crises e escolheu o curso da razão".

Além da crise da dívida, que requer também "mais ajuda externa aos países subdesenvolvidos ou dinheiro novo", outra crise que vem preocupando Kissinger é a da economia dos Estados Unidos. O déficit público dos EUA precisa ser contido, afirmou, senão fatalmente o dólar cairá ainda mais, deixando de poder ser utilizado como reserva internacional. Dentro dessa perspectiva, o governo norte-americano teria de adotar medidas recessivas, "exatamente iguais às que estão sendo adotadas no momento por países como o Brasil". Isto é, para financiar o déficit se veria obrigado a elevar impostos e a arcar com forte recessão, além de ter de conter ainda mais as importações e aumentar as exportações, a fim de evitar a explosão do endividamento externo, que pode muito bem chegar aos US\$ 500 bilhões. Já no momento atual, os Estados Unidos, ao se defrontarem com a perda de competitividade de seus produtos no exterior, vêm recorrendo ao protecionismo e a práticas nacionalistas, dificultando mais ainda a vida dos países endividados, comentou o ex-secretário de Estado.